



Testemunhando o passado
Cuidando do presente
Preparando o futuro



INSTITUTO PERNAMBUCANO DE HISTÓRIA DA MEDICINA

Fundado em 25 de agosto de 1946

BOLETIM INFORMATIVO

Ano 79 - Nº 35 – SET/DEZ 2025

RETROSPECTIVA 2025



JAN/FEV 2025



MAR/ABR 2025



MAI/JUN 2025

Imagem gerada por inteligência artificial
mostra o Memorial restaurado !



JULHO/AGOSTO 2025

JANUS

Nota aos Leitores

Editorial

Curiosidades Históricas

Artigos em Destaque

Memórias da Medicina de Pernambuco

Notas Avulsas

Os Jovens na medicina

Aniversariantes

Nota aos Leitores

O Boletim Informativo do Instituto Pernambucano de História da Medicina – IPHM, em sua 35ª edição, excepcionalmente abrange o período de setembro a dezembro de 2025, correspondendo, portanto, a dois números do boletim, cuja periodicidade regular é bimensal.

Essa decisão editorial reflete a situação institucional crítica atualmente vivenciada pelo IPHM.

Nossa sede histórica encontra-se interditada, o Museu da Medicina de Pernambuco permanece fechado, e parte relevante de nosso acervo está comprometida, em decorrência das condições estruturais do edifício que, há mais de três décadas, abrigava o Instituto.

Até o momento, não há perspectivas concretas de restauração do prédio, o que tem impactado diretamente nossas atividades administrativas, museológicas, científicas e editoriais..

Ainda assim, fiel à sua missão de preservar, produzir e difundir a história da medicina pernambucana, o IPHM mantém seu compromisso com os leitores, associados e colaboradores, reunindo nesta edição ampliada conteúdos representativos do período, como forma de assegurar a continuidade institucional e editorial do Boletim.

Nos primeiros dias de 2026, dirigimos aos nossos leitores, colaboradores e apoiadores uma mensagem de Ano Novo, marcada pela esperança, pela resiliência e pela confiança no futuro.

Que o presente ano traga caminhos de reconstrução, reencontro e renovação, não apenas para o IPHM, mas para todos aqueles que reconhecem na memória médica um patrimônio vivo, essencial para compreender o passado e orientar o porvir.

Que 2026 seja um ano de restauração da dignidade de nossa história, de fortalecimento institucional e de novos espaços — físicos e simbólicos — para o Memorial da Medicina de Pernambuco, cuja relevância transcende edifícios e se sustenta na memória coletiva, no conhecimento preservado e no compromisso com as gerações futuras.

Editorial



José Luiz de Lima Filho
Presidente do IPHM, Vice Presidente da APM

LONGEVIDADE COM QUALIDADE DE VIDA: AS ZONAS AZUIS DO MUNDO

Nesse contexto contemporâneo, emergem as chamadas “zonas azuis”, regiões do mundo onde a expectativa de vida supera significativamente a média global e onde se observa um número incomum de centenários. Okinawa, no Japão; Icária, na Grécia; Loma Linda, nos Estados Unidos; Sardenha, na Itália; e Nicoya, na Costa Rica tornaram-se verdadeiros laboratórios naturais da longevidade.

A busca pela longevidade acompanha a história da medicina desde suas origens. Desde Hipócrates, que já associava saúde ao equilíbrio entre hábitos, ambiente e modo de vida, até as primeiras

experiências de saúde pública no século XIX, o ser humano tenta compreender por que algumas populações vivem mais e melhor.

Nessas localidades, a vida longa resulta de uma interação harmônica entre fatores culturais, ambientais e sociais.

Alimentação predominantemente vegetal, baixo consumo de alimentos processados, atividade física integrada à rotina diária, forte coesão comunitária, vínculos familiares preservados e uma postura otimista diante da vida remontam a princípios observados em tradições médicas antigas, como a dietética grega, os cuidados integrados das civilizações orientais e os primeiros tratados sobre estilo de vida na medicina ocidental.

No Brasil, embora ainda não sejamos reconhecidos como uma zona azul, registramos avanços notáveis. A esperança de vida atingiu 76,6 anos em 2024, resultado direto de conquistas históricas da medicina brasileira e de marcos estruturantes, como a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), um dos maiores sistemas públicos de saúde do mundo e um capítulo fundamental da história da medicina no país.



Apesar das desigualdades persistentes, especialmente nas regiões Norte e Nordeste, onde saneamento básico e acesso pleno à saúde ainda constituem desafios —, o país demonstra potencial para prolongar a vida de forma equitativa e sustentável.

Singapura representa um modelo singular de “zona azul engenheirada”. Ali, a longevidade decorre de políticas públicas rigorosas, urbanismo inteligente, forte investimento em ciência e tecnologia, além de um sistema de saúde estruturado sobre a prevenção.

É um exemplo contemporâneo de como a medicina — que, historicamente, evoluiu da observação empírica à aplicação de tecnologias complexas — continua a expandir seus limites.

A literatura médica e histórica converge ao demonstrar que os pilares da longevidade permanecem, em essência, os mesmos ao longo dos séculos: alimentação equilibrada, exercício regular, sono reparador, socialização, moderação no uso de substâncias e cultivo de atitudes positivas.

Continua

Editorial

Continuação

LONGEVIDADE COM QUALIDADE DE VIDA: AS ZONAS AZUIS DO MUNDO









No entanto, o século XXI acrescenta novos paradigmas. Avanços em biologia molecular, regeneração tecidual, terapias celulares, edição genética e o uso de inteligência artificial na prática médica representam a continuidade natural de um percurso histórico que transformou a medicina de arte para ciência.

Ao mesmo tempo, práticas consagradas, como os transplantes de órgãos — verdadeira revolução iniciada no século XX — continuam salvando vidas e garantindo anos adicionais de existência.

O desafio do nosso tempo é assegurar que o aumento da expectativa de vida venha acompanhado de qualidade, autonomia e bem-estar físico, mental e social.

O Brasil tem condições históricas, culturais e científicas para trilhar esse caminho. Investir em saúde pública, educação, saneamento e pesquisa é honrar a trajetória de gerações de médicos, pesquisadores e sanitaristas que construíram o legado da medicina brasileira — um legado que o IPHM preserva, estuda e divulga.

Que possamos, juntos, celebrar a longevidade com qualidade de vida, inspirando políticas e práticas que permitam a todos viver mais e melhor.

 ALIMENTAÇÃO	 EXERCÍCIOS	 SOCIABILIDADE	 SANIDADE
 ESPIRITUALIDADE	 DESCANSO	 EVITAR	 ASSISTÊNCIA

Embora a genética exerça influência relevante, é o conjunto de escolhas individuais, condições sociais e acesso a intervenções médicas que molda a chance de uma vida longa e saudável.

O texto contou com o apoio de ferramentas de inteligência artificial generativa



Seção I - Curiosidades Históricas

Antonio Peregrino

Presidente da Academia Pernambucana de Medicina
e Membro Titular do Instituto Pernambucano de História da Medicina

A Descoberta do canal de Wirsung

A descoberta do Canal ou Ducto de Wirsung tem sido vista com um dos grandes marcos na história do conhecimento sobre o pâncreas e, de maneira mais ampla, um marco na própria história da medicina.

A descoberta ocorreu em Pádua, Itália, no ano de 1642, durante uma dissecação realizada pelo anatomista alemão Johan Wirsung (Augsburg, Alemanha – 1589 – Pádua, Itália – 1643), a partir do cadáver de um indivíduo condenado por homicídio.

O ducto pancreático – posteriormente denominado ducto de Wirsung em homenagem ao seu descobridor – estabelece a conexão anatômica entre o pâncreas e o canal colédoco, culminando no esvaziamento conjunto de suas secreções no duodeno.

Através desse ducto, as enzimas pancreáticas alcançam o lúmen intestinal, desempenhando papel fundamental na digestão.

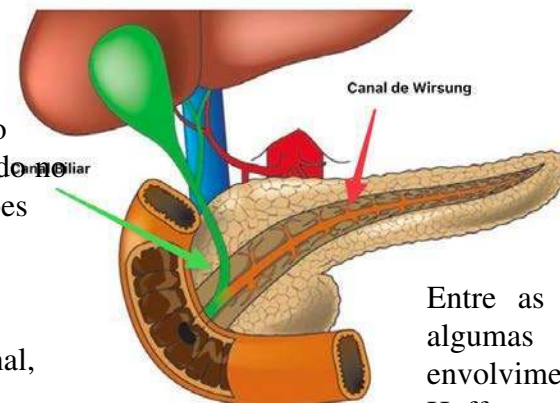
Apesar de sua relevância fisiológica, o pâncreas permanecia, à época, uma estrutura de função pouco compreendida.

Embora o próprio Wirsung não tivesse clareza sobre a finalidade do ducto recém-identificado, sua observação contribuiu decisivamente para consolidar o entendimento do pâncreas como uma glândula secretora.

Em vez de publicar formalmente seu achado, Wirsung optou por enviar ilustrações anatômicas a colegas europeus em busca de pareceres especializados.

A trajetória do anatomista, entretanto, foi abruptamente interrompida. Um ano após a descoberta, Wirsung foi assassinado a tiros enquanto conversava com vizinhos nas proximidades de sua residência. Seu mentor, o anatomista Johann Wesling, chegou a ser acusado do crime, motivado supostamente por inveja científica; contudo, foi posteriormente absolvido.

Relatos históricos permanecem divergentes quanto à identidade do verdadeiro perpetrador.



Entre as hipóteses alternativas, algumas fontes sugerem o envolvimento de Moritz Hoffmann, estudante de medicina presente na dissecação histórica

Anos depois, Hoffmann reivindicou ter observado o ducto em um peru antes mesmo da descoberta realizada por Wirsung em humanos, e alegou ter comunicado tal achado ao anatomista.

Apesar dessas alegações, o suspeito mais frequentemente apontado pela historiografia é Giacomo Cambier, que fora destituído, poucos dias antes do assassinato, do cargo de Procurador da Nação Alemã dos Artistas devido a questões relacionadas ao seu caráter. A participação de Wirsung no processo decisório que levou à renúncia de Cambier é vista como possível motivação para o crime.

Referência: Pickover, C. A. The Medical Book. From Witch Doctors to Robot Surgeons. 250 Milestones in the History of Medicine. Sterling: New York. 2012. P. 101-102.

Seção II - Notas Avulsas

DIA NACIONAL DA HISTÓRIA DA MEDICINA

30 de
NOVEMBRO

No dia 30 de novembro se celebra, ainda que pouco divulgado, o **dia nacional da História da Medicina**, proposto por Ivolino de Vasconcellos, correspondente à data em que ele fundou o Instituto Brasileiro de História da Medicina, em 1945. Em recente conversa com o Prof. Lybio M. Jr, presidente da Academia Brasileira de História da Medicina, sobre este tema, ele abraçou a ideia de lutar para tornar este dia reconhecido oficialmente segundo a legislação brasileira

ORDEM DO SOL NASCENTE



O Presidente do IPHM, **Prof. José Luiz de Lima Filho**, foi agraciado pelo governo Japonês, com a comenda da "Ordem do Sol Nascente, Raios de Ouro e Laço", após avaliação da Casa Imperial. Esta comenda é uma ordem honorífica japonesa, criada em 1875 pelo Imperador Meiji, concedida a civis e militares japoneses ou estrangeiros por serviços longos e meritórios prestados ao país em áreas como Ciência, Tecnologia, Cultura e Desenvolvimento. Na comunicação ao homenageado o Governo Japonês ressalta as inúmeras iniciativas desenvolvidas pelo Prof. José Luiz à frente do ILIKA-UFPe, que contribuem para estreitar os laços de cooperação técnico-científica entre o Japão e o Brasil. O IPHM expressa, de maneira efusiva, suas felicitações ao homenageado, orgulho da ciência brasileira.

PROFESSORA EMÉRITA



A nossa confrreira **Gisélia Alves Pontes da Silva** recebeu no dia 05 de novembro do ano em curso, o título de Professora Emérita da Universidade Federal de Pernambuco. A concessão desta emergência deveu-se à notável trajetória acadêmica da homenageada, com especial destaque ao seu envolvimento com pesquisa, ensino e assistência na área da Pediatria Clínica. Entre seus feitos salienta-se a dedicação aos estudos de doenças do aparelho digestivo em crianças, inaugurando entre nós a gastropediatria, além de ser aguerrida defensora do aleitamento materno. Mais um motivo de orgulho do IPHM.

SOBRAMES-PE



Nova diretoria, novos sócios. No mês de outubro de 2025 a SOCIEDADE BRASILEIRA DE MÉDICOS ESCRITORES, regional de Pernambuco, elegeu novos sócios, **Aarão Barreto, Ceci Alencar e Renato Câmara**, os quais tomaram posse em sessão realizada em 3 de novembro do mesmo ano. Nessa sessão a Dra. Fátima Souza foi eleita como Presidente da nova Diretoria, em substituição ao Dr. Divaldo Sampaio que realizou uma marcante e exitosa gestão à frente da SOBRAMES.



Seção III – Os Jovens na Medicina

Beatriz Cardoso

(2º período-Medicina) Faculdade de Ciências Médicas UPE

"Entre a Tradição e a Inovação: Reflexões de uma Estudante de Medicina na Contemporaneidade"

A experiência de ser estudante de medicina na contemporaneidade oferece uma oportunidade singular de refletir sobre a conciliação entre o avanço tecnológico e o respeito à tradição.

É certo que a inovação é necessária e contribui de forma imensurável para o cuidado em saúde; contudo, compreender a história e a consolidação da medicina permanece essencial para que os valores da profissão sejam mantidos e transmitidos.

A prática médica atual é marcada pela alta precisão dos exames de imagem, pelo uso de prontuários eletrônicos e pela incorporação crescente da inteligência artificial.

Nesse contexto, é fundamental que os estudantes sejam integrados a essas transformações, desenvolvendo não apenas capacidade de adaptação às novidades que surgirão ao longo dos anos, mas também senso crítico para avaliar se determinada mudança realmente prioriza o bem-estar do paciente.

Ainda assim, o retorno ao passado não deve ser esquecido. Como pontuou Heródoto, é preciso “pensar o passado para compreender o presente e idealizar o futuro”.

O respeito à tradição ocupa lugar central na formação médica, pois valores como humanismo, rigor científico e ética devem permanecer inegociáveis entre os novos profissionais.

Além disso, a história da medicina — incluindo o controle de epidemias, o desenvolvimento de vacinas e a descoberta de medicamentos — fornece a base sobre a qual os avanços atuais se sustentam.

O equilíbrio entre tecnologia e tradição deve ser a regra na prática médica, por garantir maior precisão e segurança no cuidado. Contudo, esse equilíbrio só se completa com o humanismo, princípio que orienta o compromisso social da profissão.

Um bom médico combina conhecimento técnico com empatia, compreendendo que tecnologia, tradição e humanismo são fundamentais para a exercício profissional.

A integração entre inovação tecnológica, respeito à tradição e cultivo do humanismo deve estar presente desde o início da graduação.

Essa construção requer planejamento estratégico para equilibrar teoria e prática, aproximando o estudante dos avanços contemporâneos e, simultaneamente, das bases históricas que os tornaram possíveis.

A ampliação de programas de extensão que unam pesquisa e compromisso social se apresenta como um caminho privilegiado para essa integração, pois permite o contato direto com a ciência, com o contexto cultural e com as necessidades da comunidade.

No cotidiano acadêmico, cabe ainda a professores e colegas reforçar constantemente a reflexão sobre empatia, responsabilidade e compromisso ético.

A formação médica se fortalece não apenas como percurso técnico e científico, mas como construção humana orientada para o cuidado.

Seção IV - Memórias da Medicina de Pernambuco

PERSONAGENS QUE FIZERAM HISTÓRIA

Dr. Armínio de Lalor Motta (1892–1982)

Professor Emérito da Universidade do Recife
e pioneiro da Urologia pernambucana



Eduardo Lins Paixão

Membro Titular do Instituto Pernambucano de História da Medicina

Nascido em 13 de dezembro de 1892, na cidade de Belém, Pará, **Armínio de Lalor Motta** era filho do Coronel Lourenço Lucidoro Ferreira da Motta e de Thereza de Lalor.

Desde cedo, revelou inteligência viva, disciplina e senso ético, qualidades que marcariam profundamente sua vida como médico, professor e cidadão.

Formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1916, onde defendeu sua tese de conclusão de curso sobre a “marcha térmica na tuberculose”.

Pouco depois, transferiu-se para Pernambuco, ingressando na tradicional Faculdade de Medicina do Recife (FMR), onde iniciou sua longa e sólida carreira docente.

Foi em Pernambuco que construiu toda a sua vida profissional, tornando-se um dos principais nomes da medicina acadêmica no Nordeste.

Ali, com formação clínica ampla e dedicação à pesquisa, destacou-se como pioneiro da urologia pernambucana, especialidade que ajudou a consolidar tanto na prática médica quanto no ensino superior.

Em 18 de abril de 1944, defendeu sua tese para o concurso de catedrático da FMR, vencendo a disputa contra o professor Alberto Costa Campos.

Sua posse oficial, no entanto, só se concretizou em 1950, conforme registrado no livro sobre a história da FMR do Prof. Salomão Kelner e colaboradores.

Sua tese de cátedra intitulava-se “*A tuberculose renal e sua incidência no Recife*”, estudo pioneiro na região e referência obrigatória na literatura médica brasileira da época.



Entre os documentos de maior relevância, identificados durante esta pesquisa, destaca-se o diploma de Fellow do Collège International de Chirurgiens, conferido em 13 de maio de 1950, em Genebra.

A peça, de extraordinário valor histórico, exhibe o lema “A Ciência não tem pátria” e reafirma princípios éticos essenciais à profissão médica: a primazia da vida e da saúde dos pacientes; a retidão moral na conduta profissional, acima de qualquer vantagem material; a busca permanente pelo aperfeiçoamento técnico e científico; e o respeito incondicional aos confrades.

Este documento não apenas honra a trajetória de Armínio Motta, mas também ilumina valores que permanecem fundamentais para a medicina contemporânea.

Continua

Seção IV - Memórias da Medicina de Pernambuco

PERSONAGENS QUE FIZERAM HISTÓRIA

Dr. Armínio de Lalor Motta (1892–1982)

Professor Emérito da Universidade do Recife
e pioneiro da Urologia pernambucana

Continuação

Sua enfermaria, no Hospital Pedro II, era denominada São Tomás, localizada no segundo andar do prédio. Nesta enfermaria, ao longo de décadas de magistério, construiu uma reputação exemplar: foi paraninfo das turmas de 1945 e 1950 da FMR, símbolo da confiança e do carinho dos estudantes.



Dr. Armínio Motta discursando, tendo ao seu lado colegas. Da esquerda para a direita – Luiz Casado, Romero Marques e atrás de Motta, Antônio Figueira.

Em 1962, recebeu o título de Professor Emérito da Universidade do Recife (hoje UFPE), em reconhecimento à sua trajetória ilibada e contribuição institucional.

Além disso, exerceu funções como médico-chefe do Banco do Brasil, legista da polícia do Estado e diretor do Hospital das Clínicas da UFPE. Também participou de comissões universitárias nos anos 1960, período de intensas transformações políticas e acadêmicas, sendo amplamente respeitado por sua prudência e autoridade moral.

Segundo o médico e jornalista Leduar de Assis Rocha, que lhe dedicou uma crônica por ocasião de sua morte, Lalor Motta era símbolo da "velha medicina pernambucana, em que o médico se impunha pela nobreza de caráter e pela capacidade profissional".

Sua atuação era marcada pela intransigência ética, seriedade científica e profundo respeito ao paciente.

Homem de múltiplos interesses, cultivava também paixões esportivas e culturais. Ainda jovem, apesar da baixa estatura, foi boxeador e futebolista.

Atuou no time do Fluminense, no Rio de Janeiro, chegando a ser campeão. Já radicado no Recife, destacou-se como jogador do Sport Club do Recife, sempre elogiado na imprensa esportiva como *Armínio* ou *Motta* pelo entusiasmo e senso de dignidade que levava a campo.

Era também um conversador refinado, amante da cultura e da convivência entre amigos. Por isso, mantinha encontros semanais com colegas — como o Professor Antônio Figueira — no Edifício Tabira, no centro do Recife. Leduar os descreve como encontros de um "fino causeur", onde se desfiavam "pérolas de saudade e de alegria". *Causeur*, termo francês, significa pessoa espirituosa, elegante na conversação, culta e inteligente — definição que lhe cabia com perfeição.

Continua

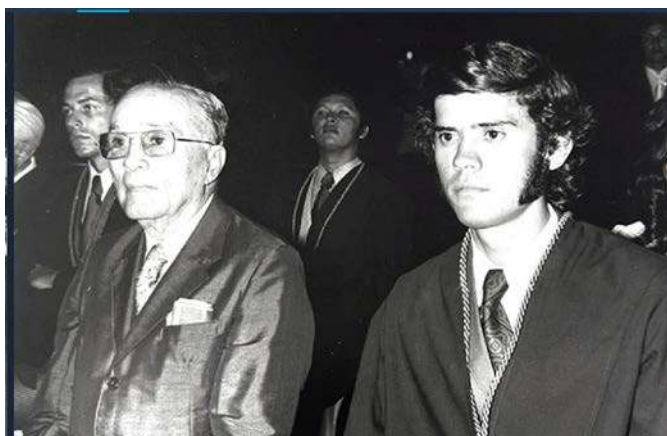
Seção IV - Memórias da Medicina de Pernambuco

PERSONAGENS QUE FIZERAM HISTÓRIA

Dr. Armínio de Lator Motta (1892–1982)

Professor Emérito da Universidade do Recife
e pioneiro da Urologia pernambucana

Continuação



Dr. Armínio Motta na colação de grau de medicina do neto, Armínio Motta Collier.

Casado com Maria Ida Cesar Cantinho, foi pai de sete filhas. Uma delas, Lucy Motta, casou-se com Luiz Collier, de cuja união nasceu o médico Armínio Motta Collier, renomado ginecologista e obstetra pernambucano, falecido em 2023, que deu continuidade à tradição médica da família.

Foi acadêmico fundador da Academia Pernambucana de Medicina (APM), ocupando a cadeira nº 31, cujo patrono é o cardiologista Geraldo de Andrade. Anos depois, em 18 de agosto de 1976, recebeu o título de Acadêmico Emérito da APM, a mais alta distinção da instituição.

Sua imagem foi eternizada por uma pintura a óleo sobre tela de 65 x 54 cm, realizada em 1955 pelo artista Baltazar da Câmara

. Segundo relatos, a encomenda teria sido feita pelo sociólogo Gilberto Freyre, que desejava homenagear 15 grandes personalidades pernambucanas da ciência e da cultura.

Dr. Armínio Lator Motta foi um dos escolhidos, não por ser pernambucano de nascimento, mas pela estatura intelectual que alcançou em solo pernambucano — e que o tornou parte da identidade da medicina local.



Pintura por Baltazar da Câmara, 1976

Faleceu em 23 de janeiro de 1982, aos 90 anos, na cidade do Recife, onde foi sepultado.

Com seu desaparecimento, nas palavras de Leduar de Assis Rocha, “vira-se mais uma página da velha medicina pernambucana e perde-se um de seus expoentes mais distintos”.

Deixou entre colegas e discípulos a lembrança de um clínico íntegro, sereno e profundamente humano, cuja vida honrou a medicina e dignificou a Universidade e a cidade que escolheu para servir.

Fontes consultadas

Faculdade de Medicina do Recife (1943). A tuberculose renal e sua incidência no Recife. Tese de cátedra, 162 p., ilustrada. *Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) – Títulos Honoríficos da UFPE* (1962). *Jornal do Commercio*, Recife (1982) – “Lator Motta”, por Leduar de Assis Rocha. *FamilySearch.org* – registro genealógico de *Armínio de Lator Motta* (1892–1982). Registros familiares Motta–Collier (falecimento do Dr. *Armínio Motta Collier*, 2023).

Seção V – Artigo em Destaque (1)

A ASSISTÊNCIA AO NASCIMENTO NO BRASIL: DO COLO DA COMUNIDADE AO CENTRO OBSTÉTRICO



Filipe Prohaska

Membro Titular do Instituto Pernambucano de História da Medicina

A trajetória histórica da assistência ao nascimento no Brasil constitui, por excelência, um exemplo emblemático de transição cultural, científica e institucional.

Durante o período colonial, o nascer era um evento doméstico, guiado por parteiras indígenas, africanas e europeias, que mobilizavam saberes empíricos, práticas comunitárias e rituais religiosos.

Essas mulheres detinham autoridade técnica e social, exercendo funções que hoje chamaríamos, no jargão contemporâneo, de “gestão integral do processo reprodutivo”.



Figura 02 – Dona Prazeres. Jaboatão dos Guararapes/PE

Dona Prazeres, Jaboatão dos Guararapes, PE

As parteiras coloniais formavam um corpo híbrido de saberes que unia tradições ibéricas, africanas e indígenas, constituindo um dos primeiros sistemas de cuidados de saúde praticados no Brasil.

No século XIX, com a consolidação das escolas médicas na Bahia, em Pernambuco e no Rio de Janeiro, somada à ascensão da medicina científica, observa-se a progressiva transferência da atenção ao nascimento para a esfera institucional masculina.

O médico passou a ocupar o espaço antes reservado às parteiras, e o saber obstétrico, agora legitimado pelos mecanismos formais de ensino, transformou antigas protagonistas em agentes marginais — “outsiders” diante da nova governança sanitária.

A medicalização da experiência reprodutiva representou, assim, menos uma revolução técnica e mais um reposicionamento de poder.

Continua

Seção V – Artigo em Destaque (1)

A ASSISTÊNCIA AO NASCIMENTO NO BRASIL: DO COLO DA COMUNIDADE AO CENTRO OBSTÉTRICO

Continuação

A criação, em 1808, por D Joao VI, da Escola de Cirurgia da Bahia e da Escola de Anatomia, Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro (precuroras das Faculdades de Medicina), marcou o início da medicina e cirurgia profissionais no Brasil, o que, por sua vez, empoderou a figura masculina na prática obstétrica, antes dominada por parteiras leigas.

Contudo, é precisamente nesse contexto — quando a autoridade obstétrica se masculinizava — que surge uma personagem feminina, singular na história da medicina brasileira:



**Mme. Marie Josephine
Mathilde Durocher (1811–1896).**

Imigrante francesa que se tornou a **parteira mais célebre do Brasil**, no século XIX.

Formada pelo **Curso de Parteiras da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (então FNM/FMRJ)**, Madame Durocher exerceu a profissão por mais de cinco décadas, realizando **cerca de 5.000 partos**, desde mulheres pobres das freguesias cariocas até figuras da elite imperial, incluindo a **Princesa Leopoldina**, filha de Dom PedroII.

Sua competência técnica e sua reputação ética foram tão marcantes que, rompendo todas as barreiras sociais de seu tempo, tornou-se a **primeira mulher admitida como membro da Academia Nacional de Medicina**, então ainda chamada de **Academia Imperial de Medicina** um feito extraordinário em um período profundamente restritivo às mulheres

Durocher simboliza, assim, a resistência feminina no campo obstétrico e a coexistência, ainda que rara, entre saberes tradicionais e reconhecimento acadêmico no Brasil oitocentista.

Continua

Seção V – Artigo em Destaque (1)

A ASSISTÊNCIA AO NASCIMENTO NO BRASIL: DO COLO DA COMUNIDADE AO CENTRO OBSTÉTRICO

Continuação

Nas últimas décadas, movimentos de humanização, bem como o retorno das obstetrizes e doulas, ampliaram o debate.

Não se trata de nostalgia pré-científica, mas de resgatar o protagonismo feminino e reposicionar o equilíbrio entre ciência, cuidado e autonomia.

Do ponto de vista contemporâneo, trata-se de conciliar eficiência clínica com qualidade da experiência da paciente — aqui, da parturiente, cuja voz, durante muito tempo, foi silenciada por protocolos rígidos e pela cultura institucional.

A indicação automática de cesarianas por supostas desproporções cefalopélvicas não se sustenta diante de um país submetido a agravos perinatais preveníveis, como sífilis e toxoplasmose.

O movimento de humanização do nascimento no Brasil ganha força nos anos 1990, especialmente após a publicação das diretrizes da OMS de 1996, que recomendavam práticas menos intervencionistas.

No século XX, especialmente a partir da década de 1950, a institucionalização do nascimento tornou-se padrão nacional.

O ambiente hospitalar trouxe avanços indispensáveis: anestesia, antibióticos, monitorização fetal e queda expressiva da mortalidade materna.

Contudo, o uso crescente de tecnologia e intervenções transformou a assistência ao nascimento em um ato predominantemente cirúrgico.

O resultado foi um modelo hospitalocêntrico que contrasta com práticas de assistência ao nascimento em ambientes domiciliares, historicamente sustentadas por equipes comunitárias e interdisciplinares, com a participação eventual de médicos generalistas.

O aumento das cesarianas no Brasil se acelera nas décadas de 1970 e 1980, ligado à expansão dos planos privados e à reorganização do trabalho médico.

Continua

Seção V – Artigo em Destaque (1)

A ASSISTÊNCIA AO NASCIMENTO NO BRASIL: DO COLO DA COMUNIDADE AO CENTRO OBSTÉTRICO

Continuação

Antes mesmo das escolas médicas, os nascidos nesta terra passaram pelas mãos hábeis de diversas culturas.

Eça de Queiroz evocava as “tecedeiras de anjos”, mulheres que enfrentavam a dor e o destino com saber e resignação.

Francisca Fróes, uma das primeiras médicas formadas no Brasil, desafiou o peso do preconceito e as estruturas institucionais em um país que se reinventava entre engenhos, lavouras e urbanização.

A visão romântica de José de Alencar, a leitura sociológica de Gilberto Freyre e o realismo irônico de Machado de Assis revelam facetas distintas da experiência do nascer.

Já Lima Barreto expôs, com precisão dolorosa, a desigualdade entre o nascimento dos pobres e o dos abastados — cicatrizes sociais que, lamentavelmente, permanecem abertas.

A OMS considera taxas de cesariana acima de 10–15% como não justificadas clinicamente; no Brasil, a média ultrapassa 55%, chegando a 85% na rede suplementar.

O percurso histórico da assistência ao nascimento no Brasil revela, portanto, um movimento pendular: do domínio feminino comunitário à hegemonia médica institucional e, agora, a uma busca por modelo integrado, no qual ciência, sensibilidade e respeito atuem de forma complementar.

Ainda assim, o país mantém uma das maiores taxas de cesarianas do mundo e convive com episódios persistentes de violência obstétrica, expressão extrema da ruptura entre assistência médica e cuidado à parturiente.

Poucos profissionais passam por formação sólida em maternidades públicas universitárias, o que favorece a perpetuação da noção equivocada de que o nascimento cirúrgico é a solução institucional padrão.

Enquanto isso, o nascimento fisiológico, humano, seguro e baseado em evidências, corre o risco de permanecer relegado — quase esquecido como tantos documentos históricos que hoje repousam, empoeirados, nas estantes de bibliotecas que guardam a memória da medicina brasileira.



Seção V – Artigo em Destaque (2)

DIA DO MÉDICO

Selma Vasconcelos Figueiroa

Docente da Faculdade de Ciências Médicas/UPE, Membro titular da Academia Pernambucana de Medicina e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores PE.

O dia 18 de outubro é dedicado ao profissional médico e também à celebração do dia de São Lucas. Segundo a Escritura Sagrada, São Lucas, também conhecido como Lucas o Evangelista, era médico de origem não judia e por isso considerado como gentio.

São Paulo define Lucas como o ‘médico amado’ (carta aos Colossenses). Talvez por sua origem ele preocupava-se muito com a evangelização do povo gentio. Foi autor do Evangelho segundo Lucas e do Ato dos Apóstolos.

O seu evangelho, conforme o prefácio, foi escrito segundo a “narração de testemunhas e investigação acurada da veracidade dos fatos “. O evangelista escreve desde a predição do nascimento de Jesus até sua morte e ascensão aos céus.

Está também recheado de relato de ações curativas de Jesus como a cura dos leprosos, da mulher que sangrava, a cura do cego de Jericó, a cura do paralisado entre tantas outras. São Lucas é considerado o santo patrono dos médicos e a medalha com seu nome é entregue por entidades representantes da categoria a profissionais de destaque e em todo território nacional.

Os médicos trazem por trás do jaleco branco e do estetoscópio pendurado aos ombros, inumeráveis noites insones, no afã de vencer o tempo em busca de conhecimento. Quanto prazeres deixados para trás em favor de uma formação sólida.

Quantas angustias e tropeços por sobre os livros, madrugadas a dentro. Quanta juventude empenhada em perscrutar os segredos da alma e da vida humana

Quantas tentativas de chegar perto de Deus para tirar o paciente das garras da morte e quanta frustração, muitas vezes, por não o conseguir. Quantas ausências da família para assistir ao outro. Quantas alegrias ao devolver o paciente são e salvo para a vida

Recentemente, a humanidade foi sacudida por agente agressivo, o corona vírus 19, sequer considerado ser vivo: “para a maioria dos biólogos, vírus não têm metabolismo, não comem, respiram ou excretam, não se reproduzem sozinhos, precisam de hospedeiros e não se locomovem por conta própria”.

Fomos colocados cara a cara com nossa impotência e intrínseca fragilidade. Os deuses nos enviaram um mensageiro para nos lembrar disso e para nos igualar no destino incerto diante do inimigo ameaçador. Não é a primeira vez que isso acontece, mas é a primeira vez no século XXI, quando grandes avanços tecnológicos e científicos nos acenaram com a enganosa possibilidade de sermos deuses.

Ficou provado que longe estamos dessa transcendência, que somos todos iguais perante os desígnios e poder da natureza, que precisamos ser modestos, que devemos estender a mão aos nossos semelhantes e que temos de respeitar a natureza, pois Deus nos fala através dela.

Que os médicos são também agentes desse mesmo Deus, mas, a despeito disso, somos humanos como qualquer um, com as mesmas angustias e os mesmos limites físicos pelo trabalho estressante, com a diferença de estarmos sempre com a disponibilidade de superar esses obstáculos em favor do compromisso com a vida.

Seção V – Artigo em Destaque (3)

Da Geografia da Fome à Ética da Inteligência Artificial: Complexidade, Desigualdade e Responsabilidade Civilizatória



Raul Manhães de Castro

Membro Titular do Instituto Pernambucano de História da Medicina, Cidadão Pernambucano por iniciativa da ALEPE

Em 2025, quando a memória de Josué de Castro se acende como chama que ilumina o que fomos e o que ainda poderemos ser, sinto que sua voz permanece soprando contra o esquecimento.

Ele, que escreveu a fome não como destino, mas como delito. Ele, que ousou dizer que a miséria era invenção humana, e que a terra fértil poderia ser também terreno de injustiça.

Seu gesto foi o de quebrar a couraça da naturalização: a fome não era seca nem sol nem geografia, mas cálculo político, arquitetura de exclusões, crime organizado contra os pobres.

Ao lado da FAO, em Roma, sua denúncia adquiriu tom planetário, mas a coragem lhe custou o exílio. E, ainda assim, ganhou eternidade: o de estar entre aqueles que fizeram da ciência um altar de responsabilidade e da ética uma geografia maior que fronteiras.

Hoje, no século das máquinas que aprendem, o dilema é outro e, no entanto, é o mesmo.

Porque também a inteligência artificial se mascara de neutralidade e inevitabilidade.

Reduzida a linhas de código, parece um destino matemático; mas não é. É fruto de vontades, omissões e interesses. É escolha. Sombras, multiplica o que fingimos não ver.

E como escolha pode servir ao privilégio ou à justiça, à repetição da desigualdade ou à reinvenção da dignidade.

Já se sabe: há algoritmos que falham mais ao reconhecer rostos negros ou femininos, há sistemas que negam crédito, que barram empregos, que amplificam preconceitos escondidos sob o brilho do progresso.

A tecnologia, assim, se converte em espelho: mostra o que somos, repete as nossas sombras, multiplica o que fingimos não ver.

Mas também pode ser travessia. Se optarmos pelo caminho da complexidade, como ensinava Edgar Morin, talvez possamos aprender que não se trata de humano ou máquina, progresso ou catástrofe, mas de

Continua

Seção V – Artigo em Destaque (3)

Da Geografia da Fome à Ética da Inteligência Artificial: Complexidade, Desigualdade e Responsabilidade Civilizatória

Continuação

uma tessitura mais delicada, que une ciência e filosofia, biologia e sociologia, memória e futuro.

Em Salvador, no Congresso Regional da FESBE, essa travessia ganhou corpo de diálogo.

Lá, eu mesmo, sempre um pingo livre de i, Hélder Remígio, biógrafo de Josué, fizemos renascer sua figura; Ana Elisa Toscano, com a lente da DOHaD, mostrou que a origem da saúde e da doença é também a origem da desigualdade; e Tereza Deiró, da UFBA, bordou o fio acadêmico com a trama da vida.

Ali, sob o céu baiano, a transdisciplinaridade não foi conceito: foi ato, foi presença.

Revisitar Josué não é apenas erguer uma estátua de memória. É perguntar: e nós, o que faremos com o poder de nossa época?

Porque assim como a fome não era fatalidade, tampouco será a injustiça digital.

Assim como Josué desnudou a fome como construção humana, cabe-nos desvelar a inteligência artificial como obra de escolhas.

E escolher é sempre um gesto civilizatório. Podemos optar por deixar que as máquinas reforcem muros e desigualdades, ou podemos convidá-las a construir pontes de equidade e solidariedade.

E talvez, ao recordar Josué de Castro, possamos entender que toda técnica só se redime quando serve ao humano. A fome era evitável. A injustiça digital também é.

Entre o silêncio cúmplice e a palavra que denuncia, entre a omissão e a coragem, está a responsabilidade de nossa geração. E talvez seja nesse sopro de liberdade e de escolha que resida a verdadeira ética da civilização.

O futuro não é dado: é fabricado. Não está escrito nas estrelas nem nos cálculos, mas em nossas decisões.

Seção V – Artigo em Destaque (4)

17 de novembro de 1946: A solenidade de inauguração do Instituto Pernambucano de História da Medicina



Renato Dornelas Câmara

Membro Titular da Academia Pernambucana de Medicina e do Instituto Pernambucano de História da Medicina Acadêmico Fundador da Academia Brasileira de História da Medicina. Sócio Titular da SOBRAMES-PE

Estimulado por seu amigo Ivolino de Vasconcellos – o maior referencial da historiografia médica brasileira – que havia fundado o Instituto Brasileiro de História da Medicina – IBHM, em 30 de novembro de 1945 – o médico Octávio de Freitas com seu espírito empreendedor criou o que ele chamou “minha última realização,” o Instituto Pernambucano de História da Medicina – IPHM, vinculado ao IBHM.

Para tal reuniu amigos e autoridades de diversas áreas da saúde incluindo além de médicos, dentistas, farmacêuticos, químicos e veterinários interessados em estudar e debater questões ligadas à memória da medicina, especialmente a pernambucana.

O sodalício também se propunha a fundar um Museu, com documentação arquivística e biblioteca, produzindo um ambiente propício ao estudo, pesquisa e ensino. Assim, num domingo, dia 25 de agosto de 1946, Dr. Octávio criou, aos 75 anos, com entusiasmo juvenil, o IPHM, o segundo do Brasil, num concorrido encontro na sua aprazível residência, situada à rua Dom Bosco nº 779, imóvel ainda hoje existente (Fig. 01). Formou sua diretoria com o farmacêutico Pierre Rouquaryol (vice-presidente), Leduar de Assis Rocha (1º secretário), Francisco Montenegro (2º Secretário) e o dentista Galvão Raposo como tesoureiro.

Estavam presentes os novos sócios Durval Lucena, Joaquim Cavalcanti, Albérico Câmara, Lucilo Moura, Ângelo de Abreu e Lima, Vanderlei Braga (veterinário), Oswaldo Gonçalves Lima, Galvão Raposo (dentista) entre outros. Ainda com muita animação marcou 1ª reunião do grupo para 4 de setembro e outra para 23 de outubro, no mesmo local.



Fig. 01 - Casa de Octavio de Freitas

Neste período foram definidos o número de cadeiras (30) e seus respectivos patronos as quais seriam preenchidas pelos sócios fundadores, um esboço de estatuto e discutido o quadro geral de associados.

Assim o nosso Dr. Octávio achou que o Instituto já estava em condições de ser solenemente inaugurado e para tal organizou este encontro para um domingo à noite, na sede da então Sociedade de Medicina de Pernambuco, no dia 17 de novembro de 1946, convidando várias autoridades do Estado como o interventor General Dermeval Peixoto, o professor Luiz Delgado, Secretário de Saúde e Educação, Dr. Elyson Cardoso, Diretor do Departamento de Saúde Pública, Dr. Antônio Figueira, Diretor do Departamento de Assistência Hospitalar, Dr. Regueira da Costa da Diretoria de Documentação e Cultura, representação da Academia Pernambucana de Letras, além de médicos e famílias, lotando o auditório.

Continua

Seção V – Artigo em Destaque (4)

17 de novembro de 1946: A solenidade de inauguração do Instituto Pernambucano de História da Medicina

Continuação

A sessão foi presidida pelo Prof. Luiz Delgado que após as falas de praxe, passou a palavra ao Dr. Octávio de Freitas que num emocionado e longo discurso, discorreu de início sobre a ideia que originou o Instituto e a composição de seu quadro oficial de associados, destacando que o principal escopo seria a história da medicina de Pernambuco.

Salientou que teve a intenção de criar o patronato das Cadeiras, para homenagear figuras marcantes na arte e na ciência médica, como Joaquim Aquino da Fonseca, Gouveia de Barros, Amaury de Medeiros, Arnóbio Marques, Isaac Salazar e tantos outros.

Não deixou de registrar as injustiças que se cometem contra a medicina de Pernambuco, estado marcado por antecipações nesta área desde a chegada de Maurício de Nassau, exemplificando os esquecimentos de professores patrícios de outras paragens, como Sampaio Ferraz, que num trabalho de revisão sobre climatologia brasileira envolvendo a saúde (1944) citou 579 obras nacionais e estrangeiras e nenhuma referência fez a Pernambuco, que tinha trabalhos importantes na área como os de Simplicio Mavignier e do próprio Octávio de Freitas.

Octávio continuou o seu discurso, demonstrando impaciência e revolta pelo esquecimento de Pernambuco pelo sul do país e inclusive reclamou do seu amigo o pernambucano Antônio Austregésilo, professor de Neurologia, que havia contribuído para a constituição da FMR, mas publicou um artigo sobre todas as faculdades de medicina do Brasil, enaltecendo-as mas nenhuma palavra disse sobre a “sua” FMR. Daí, continua:

“a importância do IPHM e sua missão de reafirmar o papel destacado de Pernambuco e corrigir as injustiças contra nossa atividade médica”.

Concluiu com muita sabedoria dizendo: ***“Cultuaremos, assim, os Homens e as coisas do passado quando merecerem o nosso culto e, ao mesmo tempo coletaremos os feitos daqueles que estão convivendo conosco para que, de futuro, os que nos sucederem, neste Instituto, tenham elementos seguros para os cultuarem também, quando deste culto se fizerem merecedores”.***

Aplaudido pela plateia, Dr. Octávio emocionado, passou a palavra para o conferencista da solenidade o jovem médico **Albérico Câmara**, também fundador do IPHM, com atuação no Pronto Socorro do Recife e na Clínica de Ginecologia do Prof. Frederico Cúrio no Hospital Pedro II, que discorreu acerca de **“Notícia Histórica sobre o Hospital Pedro II”.**

Continua

Seção V – Artigo em Destaque (4)

17 de novembro de 1946: A solenidade de inauguração do Instituto Pernambucano de História da Medicina

Continuação

O expositor ressaltou a importância da história médica para o ensino e aprendizado e realçou a coincidência desta data com a comemoração dos 100 anos, neste mesmo dia 17 de novembro, em 1846, da assinatura da Lei provincial de número 165 por Antônio Chichorro da Gama, Presidente da Província de Pernambuco, na qual foi autorizada a construção do Hospital Pedro II.

Dr. Albérico fez um interessante resgate da memória do Pedro II desde sua fundação ressaltando que ele preenche as necessidades de um hospital geral no Estado com vocação não somente assistencial mas de campo de prática para treinamento e docência. Lembrou que o projeto arquitetônico foi feito por Mamede Ferreira, engenheiro pernambucano formado em Paris.

Falou sobre os primórdios de funcionamento do Hospital Pedro II, inaugurado em 10/3/1861, da beleza de sua fachada e dos seus 9 pavilhões (enfermarias) iniciais, sendo 6 para homens e 3 para mulheres, com capacidade para 250 leitos. Destacou o início das atividades do hospital, tecendo rápidos comentários sobre o Bloco Cirúrgico que ocupava o segundo andar do nosocômio e teve como primeiro cirurgião o habilidoso médico José Francisco Pinto Guimarães.

Curiosa a descrição de como se procedeu a ocupação e instalação do Hospital com a transferência em 10/3/1861 dos doentes do Hospital Provisório dos Coelhos, situado talvez no local onde em 1946 habitavam os padres lazaristas ou vicentinos, no bairro dos Coelhos.

O ato foi festivo e tocante. Contam as crônicas que os pacientes vieram em longa procissão com o SS. Sacramento à frente conduzido pelo Bispo D. João Perdigão, aos cânticos e ladainhas, caminhando entre alas de tropas militares, juntamente com as autoridades, entre elas o presidente da Província Dr. Ambrósio Leitão da Cunha, apoiados nos braços dos presentes, não sendo de estranhar que “mais de uma lágrima corria pelo rosto das pessoas que assistiam”.

A procissão foi até a Capela do hospital onde dispersou-se e os pacientes encaminhados para seus pavilhões.

Igualmente aplaudido o Dr. Albérico agradeceu e o Dr. Luiz Delgado encerrou a histórica solenidade, defendendo enfaticamente a importância da fundação do IPHM. Concretizava-se com êxito o último sonho do nosso notável quixote.

Seção V – Artigo em Destaque (5)

2025 - DUZENTOS ANOS DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO E CEM ANOS DA FORMATURA DA 1ª TURMA DE MÉDICOS DA FMR



Luiz Barreto

Membro Titular do Instituto Pernambucano de História da Medicina, Academia Pernambucana de Medicina, Sobrames-PE, Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, União de Médicos Escritores e Artistas Lusofilos e da Academia de Artes e Letras de Pernambuco.

Por ocasião da publicação do “**Livro do Nordeste**”, comemorativo do Primeiro Centenário do Diário de Pernambuco, em 7 de novembro de 1925, a **Faculdade de Medicina do Recife** estava também nesse mesmo ano, em 24 de dezembro de 1925, formando a sua primeira turma de médicos, composta de seis facultativos.

Nessa publicação, “Livro do Nordeste”, inúmeros escritores e autoridades escreveram importantes trabalhos, relatando os últimos cem anos sobre o Nordeste, Pernambuco e o Recife.

Entre esses pode-se citar Carlos de Lira Filho, Anibal Fernandes, Octavio de Freitas, Júlio Belo, Gilberto Freyre, Gaspar Peres, Manuel Bandeira, Samuel Campello, Mário Melo, e tantos outros, cerca de trinta excelentes intelectuais.

O mestre Octavio de Freitas, em seu extenso trabalho, discorreu sobre as doenças, a medicina e a higiene no Nordeste., sob o título: Um século de Medicina e Higiene no Nordeste.

Descreve por exemplo, sobre a cirurgia de traqueostomia realizada em março de 1843, feita pelo Dr. Aquino Fonseca, a primeira aqui realizada.

Sobre as viagens a “cavalo” que os médicos faziam para atender casos médicos fora do Recife, o que ele chamava de “mascateações médicas”.



Fig.01 Octavio de Freitas

Fala-nos dos cronistas, das estranhas doenças que afligiam os primeiros colonos da Nova Luzitânea. Doenças tratadas a fumigações de incensos como a mirra, e clisteres de pimentas para tratar de inflamações, feridas,

e problemas de pele (antinflamatórios e antimicrobianos), bucal e respiratórios, aplicações de funções religiosas e cerimoniais.

No século XIX, 1850, aplicava-se também as sanguessugas, as “bichas hamburguesas”, importadas de centros adiantados como Alemanha e França.

Continua

Seção V – Artigo em Destaque (5)

2025 - DUZENTOS ANOS DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO E CEM ANOS DA FORMATURA DA 1ª TURMA DE MÉDICOS DA FMR Continuação

Retratou sobre a visita de Charles Darwin ao Recife, em 1830, e os seus comentários sobre as “imundices” que ele descreveu nas ruas do Recife, como os “tigres” como eram chamados os transportes de dejetos humanos, pelos escravos, para serem jogados no Rio Capibaribe.

Cita uma série de higienistas, como Rodolfo Galvão, Constâncio Pontual, Thomás de Carvalho, Coelho Leite, Lisboa Coutinho etc. e os seus trabalhos científicos.

Faz um delicado e minucioso trabalho histórico sobre o período colonial e do período holandês, este com a participação de inúmeros cientistas estrangeiros que também se foram do Recife, a partir de 1634.

Refere-se a “**epidemia dos males**” em 1685, que se estendeu até a costa de Salvador na Bahia, epidemia que os baianos chamavam de “bicha venenosa”

Fala sobre o consagrado trabalho, o primeiro tratado escrito em nossa língua pátria, publicado em Lisboa em 1694, “**Tratado único da constituição pestilencial de Pernambuco**”, pelo médico João Ferreira da Rosa.

Depois nos descreve o Dr. Manoel dos Santos (1747) publicando o trabalho “**Narração Histórica das Calamidades de Pernambuco de 1707 a 1715**”.

Descreve as “**febres malignas**”, o sarampo e a varíola; “Fora das portas” significando fora do casco da cidade, doenças vindas com os navios negreiros: escorbuto, disenterias, caquexias, sarnas, oftalmias e umas quantas outras patologias.

Referia-se o Dr. Octavio de Freitas a falta de médicos, e a afluência de doentes para as cidades, agravando ainda mais as suas precárias condições sanitárias, que nos havia sido legada pelo Nordeste colonial.

Ele descreve também as grandes epidemias dos últimos cem anos, aqui considerando o período de 1825 a 1925, como a da varíola, febre amarela, cólera morbus, disenteria, gripe (as várias epidemias de gripe, inclusive, a de 1918) e a peste com seis epidemias.

Acrescenta a escarlatina, sarampo, beribéri, difteria, coqueluche, febre tifo, e outras.

Continua

Seção V – Artigo em Destaque (5)

2025 - DUZENTOS ANOS DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO E CEM ANOS DA FORMATURA DA 1ª TURMA DE MÉDICOS DA FMR

Continuação

Faz ainda uma referência especial a epidemia de varíola coincidente com a grande seca de 1825 e várias outras epidemias de 1878 a 1879 com grande mortandade.

Informa ainda que entre 1852 e 1925 morreram de varíola, no Recife 32.036 pessoas. Cita ainda uma série de estatísticas dessas morbidades.

Tomando a história da saúde e da higiene, ele se refere aos serviços oficiais de Estado de combate às patologias e assistência médica.

Citando a Inspetoria de Higiene com a atuação de importantes médicos como Gouveia de Barros nessa função em 1912 a 1916, Abelardo Baltar, de 1917 a 1918, Octavio de Freitas de 1918 a 1919, Amaury de Medeiros assumindo 1923, criando o Departamento de Saúde e Assistência e desenvolvendo um excelente trabalho.

Assim, o Dr. Octavio de Freitas desenvolve um excelente trabalho histórico e literário publicado em forma de jornal, em sete páginas do Diário de Pernambuco, comemorativo do seu “I Centenário”, em 7 de novembro de 1925.

Naquele mesmo ano, em 24 de dezembro de 1925, Dr. Octavio de Freitas preside a formatura da primeira turma de Médicos egressos da **Faculdade de Medicina do Recife**, citando os seus nomes:

**Antônio Ignácio de Barros
Ribeiro, Argemiro Costa Filho,
Porphírio de Andrade Sobrinho,
João da Silva Correia de
Oliveira Andrade, Benedicto
Alves de Carvalho e
Anibal Bruno de Oliveira
Firmo.**

SEÇÃO ESPECIAL

MIGUEL JOHN ZUMAETA DOHERTY, “O MIGUEL DE PERNAMBUCO” 70 ANOS DE GRADUAÇÃO PELA FMR

Em 16 de dezembro de 2025 comitiva de membros da **Academia Pernambucana de Medicina e do Instituto Pernambucano de História da Medicina** esteve na residência do nosso decano, **Presidente Emérito do IPHM, Prof. Dr. Miguel John Zumaeta Doherty,**



além de diretores e filiados a estas instituições como os doutores **Helena Carneiro Leão, Luiz Gonzaga Barreto, Renato Dornelas Câmara** (vice-presidente na gestão do doutor Miguel à frente do IPHM – 2018-2023), **João Régis** (já indicado para receber a Medalha

para entrega de Placa Comemorativa em homenagem aos seus 70 anos de graduação pela Faculdade de Medicina do Recife

Miguel, ao longo de sua rica trajetória, tornou-se uma das grandes referências da Medicina Pernambucana e suas atividades estenderam-se muito além da Cirurgia Pediátrica sempre se destacando, nas múltiplas atividades que desempenhou relacionadas à saúde, pelos compromissos com o Bem Comum.

Presentes o presidente da APM, **Antônio Peregrino**; o vice-presidente do IPHM, **Silvio Caldas**; o presidente da Associação dos Ex-Alunos de Medicina de PE., **Guido Corrêa de Araújo,**

de Mérito de São Lucas /2025, no dia dos Médicos), bem como **Gilda Kelner, Ananília Finizola e Edite Rocha Cordeiro.**

Presentes ao encontro familiares (filho e filhas) do Dr. Miguel com destaque a **Fátima Doherty**, médica pediatra.

Dr. Peregrino entregou a placa ao emocionado homenageado.

Servido delicioso coquetel aos presentes.

Este tipo de encontro deverá ser repetido com outros colegas que deram valiosa contribuição ao progresso de nossa Medicina.



Seção VI

PARABÉNS AOS ANIVERSARIANTES

SETEMBRO

Dia 24
Jose Luiz de Lima
Filho

OUTUBRO

Dia 5
Meraldo Zisman

Dia 12
Luiz de Gonzaga Braga
Barreto

NOVEMBRO

Dia 5
Antônio Lopes de
Miranda

Dia 17
Carlos Alberto
Cunha Miranda

DEZEMBRO

Dia 3
Renato Dornelas
Câmara Neto

Dia 29
Theóphilo José de
Freitas Neto

Sicredi Recife. A cada dia mais próxima de você.



Venha visitar uma de nossas agências e conheça **nossos produtos**.

Crédito | Poupança
Investimento | Cartões
Conta-corrente | Consórcios

[Clique aqui e confira.](#)

Abra
a sua
conta.

 **Sicredi**

☎ 2101.6161 | @sicredirecife



Testemunhando o passado
Cuidando do presente
Preparando o futuro



INSTITUTO PERNAMBUCANO DE HISTÓRIA DA MEDICINA

Fundação: 25 de Agosto de 1946

Diretoria

Presidente: José Luiz de Lima Filho
Presidente Emérito: Miguel Doherty
Vice-Presidente: Sílvio da Silva Caldas Neto
Primeiro-Secretário: Luiz de Gonzaga Braga Barreto
Segundo-Secretário: Renato Dornelas Câmara Neto
Tesoureiro: João de Melo Régis Filho

Conselho Fiscal

Ester Azoubel Sales
Luiz de Gonzaga Braga Barreto

Grupo de WhatsApp “História da Medicina”, Administradores:

Marcelo Moraes Valença
Márcio Allain Teixeira

Correspondência:

Memorial da Medicina, Rua Amaury de
Medeiros, 206, Derby, 52010-120, Recife

SÓCIOS TITULARES

1. Amaury de Siqueira Medeiros / 2. Ananília Finizola de Vasconcelos / 3. Antonio Lopes de Miranda / 4. Antonio Medeiros Peregrino da Silva / 5. Aurélio Molina da Costa / 6. Bento José Bezerra Neto / 7. Bernardo David Sabat / 8. Carlos Alberto Cunha Miranda / 9. Cláudia Beatriz Câmara de Andrade / 10. Cláudio Renato Pina Moreira / 11. Dagoberto de Carvalho Júnior / 12. Djalma Agripino de Melo Filho / 13. Edite Rocha Cordeiro / 14. Eduardo Lins Paixão / 15. Eleny Silveira / 16. Eni Maria Ribeiro Teixeira / 17. Esther Azoubel Sales / 18. Fernando José Soares de Azevedo / 19. Fernando Pinto Pessoa / 20. Filipe Prohaska Batista / 21. Gilda Kelner / 22. Gilson Edmar Gonçalves e Silva / 23. Gisélia Alves Pontes da Silva / 24. Helena Maria Carneiro Leão / 25. Hildo Rocha Cirne de Azevedo Filho / 26. João de Melo Régis Filho / 27. José Benjamim Gomes / 28. José Guido Corrêa de Araújo / 29. José Luiz de Lima Filho / 30. Luiz Carlos Oliveira Diniz / 31. Luiz de Gonzaga Braga Barreto / 32. Marcelo Moraes Valença / 33. Márcio Diniz Allain Teixeira / 34. Maria de Fátima Militão de Albuquerque / 35. Maurício José Matos e Silva / 36. Meraldo Zisman / 37. Miguel John Zumaeta Doherty / 38. Moacir de Novaes Lima Ferreira / 39. Olival Cirilo Lucena da Fonseca / 40. Paulo Fernando Barreto Campelo de Melo / 41. Paulo José Carnevalheira de Mendonça / 42. Raul Manhães de Castro / 43. Renato Dornelas Câmara Neto / 44. Ricardo de Carvalho Lima / 45. Romero Caldas Pereira de Carvalho / 46. Saulo Gorenstein / 47. Sérgio Tavares Montenegro / 48. Sílvio da Silva Caldas Neto / 49. Sirleide de Oliveira Costa Lira / 50. Theóphilo José de Freitas Neto / 51. Vânia Pinheiro Ramos / 52. Wilson Freire de Lima / 53. Zília de Aguiar Codeceira.

SÓCIOS CORRESPONDENTES

1. Almira Vinhaes Dantas (Bahia) / 2. José Roberto de Souza Baratella (São Paulo) / 3. Milton Hênio Neto de Gouveia (Alagoas) / 4. Ney Marques Fonseca (Rio Grande do Norte) / 5. William Eduardo Nogueira Soares (Sergipe)



Testemunhando o passado
Cuidando do presente
Preparando o futuro



BOLETIM INFORMATIVO

Publicação do Instituto Pernambucano de História da Medicina,
circulação bimestral, distribuição por e-mails e mídias sociais.

Os artigos são de responsabilidade exclusiva dos autores e as opiniões e julgamentos neles contidos não expressam necessariamente as posições da Diretoria do IPHM ou da Comissão de Divulgação & Comunicação.

Organização geral:
Renato Dornelas Câmara Neto

Projeto gráfico, diagramação e ilustração:
Bernardo Sabat

Comissão de Divulgação & Comunicação:
**Antônio Peregrino, Bernardo Sabat, Eduardo Paixão,
Filipe Prohaska, Marcelo Valença e Márcio Allain**

OPINIÕES, ARTIGOS E SUGESTÕES SÃO BEM VINDOS

Coleção completa com os 33 números anteriores do Boletim disponível em:

www.jornalmemorialdamedicina.com

Conecte-se Conosco



Instituto Pernambucano de
História da Medicina



iphmedicina@gmail.com